

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CURSO DE PSICOLOGIA

Júlia Assumpção Heine

**Intergeracionalidade da violência em relações afetivo-sexuais na adolescência:**

**Associações com a violência conjugal dos pais e maus tratos na infância**

Profa. Orientadora: Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglío

Porto Alegre, 2017.



Júlia Assumpção Heine

**Intergeneracionalidade da violência em relações afetivo-sexuais na adolescência:**

**Associações com a violência conjugal dos pais e maus tratos na infância**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia - Habilitação Psicólogo - do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do grau de Psicólogo, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Débora Dalbosco Dell'Aglio

**Orientadora:** Débora Dalbosco Dell'Aglio

Porto Alegre, 2017.

## **AGRADECIMENTOS**

A caminhada da Psicologia não ocorreu como eu esperava. O curso foi abrindo minhas ideias e a trajetória passou por caminhos mais diversos do que eu esperava. Por isso, tenho a alegria de poder agradecer a diversas pessoas que me auxiliaram ao longo desses cinco anos de graduação para que eu chegasse neste momento.

Agradeço a minha orientadora Débora Dalbosco Dell’Aglío, não só pelo auxílio na escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso, mas por todos os ensinamentos ao longo desses quatro anos como voluntária, aluna, bolsista de iniciação científica e agora orientanda. Obrigada pelo carinho e ensino ético que me passasse em diversos espaços. Também agradeço minha co-orientadora Jeane Lessinger Borges por os ensinamentos de pesquisa e por ter me deixado entrar em sua tese desde o início com os estudos, coletas, análises e agora no momento final de escrita. Sem vocês esse trabalho não teria ocorrido! Agradeço também ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA) e seus participantes que passaram pela minha trajetória nesses anos.

Agradeço a todos os professores e supervisores que me ensinaram as mais diversas faces da Psicologia. Obrigado por me ensinarem a ética, o respeito e cuidado que nossa profissão requer. Sempre pensando a singularidade de cada paciente que cruza nosso caminho. Agradeço também a minha terapeuta por ter não só me auxiliado em minha vida pessoal, mas ter me mostrado uma pessoa a ser seguida quando me tornar psicóloga.

Agradeço aos grandes amigos que este lindo curso me deu, Daniele Pioli, Juliana Miranda, Luciana Valiente, Luis Filipe Schmidt, Luísa Dall’Agnol, Natália Kluwe, Rodrigo Bueno, Vitória Arenhart. Tenho certeza que sem vocês essa caminhada não teria sido a mesma. Em meio a um local de tanta competitividade encontrei em vocês

uma amizade de vida, de amor, carinho e cuidado, em que sei que todos torcem um pelo outro! Feliz em poder chamar vocês não só de colegas de profissão, mas de amigos. Que nossa parceira continue para fora dos corredores da UFRGS.

Agradeço a minha família por ter estado comigo em todos os momentos de minha vida. Pelo apoio incondicional de meus pais Mauro e Viviane. Por aguentarem minhas indagações constantes que vinham com o curso e por estarem ali nos momentos mais difíceis. Sempre possibilitando meu crescimento e confiarem em mim para trilhar meus passos sozinha. Agradeço minha querida irmã Flávia por me ensinar a compartilhar, pelos momentos de descanso e escuta. Obrigado por sempre poder recorrer a ti e me alegrar com seu lindo sorriso. Agradeço ao meu namorado Rafael por ser um porto seguro e abraço casa nesses últimos 5 anos. Obrigado por sempre trazer alegria aos meus dias, pelo ter carinho e amor.

E por fim agradeço a Deus por ter sempre estado ao meu lado nesse grande caminho não só da Psicologia, mas de toda vida. Obrigado por guiar meus passos.

Para aqueles que tem morada em meu coração:

Um é para aquele que é o sol e alegria da minha vida

Dois para aquela que é minha parceira em harmonia

Três e Quatro para aqueles que são rocha e abrigo em meio à tribulação

One thing two do three words four you – I love you!

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos</b> .....	<b>4</b>
<b>Sumário</b> .....	<b>7</b>
<b>Resumo</b> .....	<b>8</b>
<b>Abstract</b> .....	<b>9</b>
<b>1. Introdução</b> .....	<b>10</b>
<b>2. Método</b> .....	<b>16</b>
2.1. Participantes .....	<b>16</b>
2.2. Instrumentos.....	<b>17</b>
2.3. Procedimentos e Considerações Éticas .....	<b>19</b>
2.4. Análise dos Dados.....	<b>20</b>
<b>3. Resultados</b> .....	<b>20</b>
3.1. Perfil dos adolescentes perpetradores e tipos de violência perpetrada .....	<b>20</b>
3.2. Análise Multivariada: Análise de Regressão Logística .....	<b>24</b>
<b>4. Discussão</b> .....	<b>25</b>
<b>5. Conclusão</b> .....	<b>30</b>
<b>Referências</b> .....	<b>32</b>

## RESUMO

Este estudo investigou os fatores de risco associados à perpetração de violência nas relações amorosas caracterizadas como “ficar” e namorar na adolescência. Para tal foram exploradas variáveis como a exposição à violência no contexto familiar em duas formas (testemunhar violência conjugal dos pais e ter sido vítima de maus tratos na infância), a influência do grupo de pares; e variáveis individuais, como ser do sexo feminino e fazer uso de álcool. Participaram deste estudo 533 adolescentes de 14 a 19 anos ( $M= 16,63$ ;  $DP=1,19$ ), estudantes de escolas públicas e privadas da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. Foram utilizados os instrumentos Questionário de Dados sociodemográficos e relações afetivo-sexuais na adolescência, Escala de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância (EEVII) e Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI). A Regressão Logística indicou duas variáveis significativas para o modelo de perpetração de violência no namoro: ter sido exposto à violência conjugal dos pais e ter sofrido maus-tratos psicológicos na infância. Esse resultado destaca aspectos de intergeracionalidade, presentes no ciclo da violência, e indica a necessidade de trabalhos preventivos junto a adolescentes.

Palavras chave: violência no namoro; maus tratos na infância, violência conjugal, intergeracionalidade.

## ABSTRACT

This study has investigated risk factors associated with perpetrating violence in relationships characterized as "hook up" and dating in adolescence. In order to do so, we explored variables such as exposure to violence in the family, context in two ways (witnessing domestic violence of parents and having been a victim of abuse in childhood), the influence of peer group; and individual variables such as being female and making use of alcohol. A total of 533 adolescents aged 14 to 19 ( $M = 16.63$ ,  $SD = 1.19$ ) participated in this study, students from public and private schools in the Metropolitan Region of Porto Alegre, RS. The instruments Questionnaire of sociodemographic data and affective-sexual relations in adolescence, the Scale of Exposure to Domestic Violence in Childhood (EEVII) and the Inventory of Conflicts in Dating in Adolescence (CADRI) were used. The Logistic Regression indicated two significant variables for the model of perpetration of dating violence: to have been exposed to marital violence of parents and to have suffered psychological maltreatment in childhood. This result highlights aspects of intergeneration, present in the cycle of violence, and indicates the need for preventive work with adolescents.

Keywords: dating violence; child abuse, marital violence, intergeneration.

## 1. Introdução

A violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência vem sendo caracterizada como uma questão de saúde pública, pois é um fator de risco para repetição de padrões violentos nas relações conjugais adultas, além de estar associada a uma série de consequências na saúde mental e geral das pessoas (Barreira, de Lima, & Avanci, 2013; Bonomi, Andreson, Nemeth, Rivara, & Buettner, 2013; Kim, Kim, Choi, & Emery, 2014; Smith, Ireland, Park, Elwyn, & Thornberry, 2011). Os próprios adolescentes têm dificuldade em reconhecer a violência nas suas relações amorosas, seja por não terem conhecimento sobre o que é uma relação afetivo-sexual saudável ou pela banalização da violência (Love & Richards, 2013; Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010) reitera que a violência nos relacionamentos conjugais além de ser uma violação dos direitos humanos traz danos profundos físicos, sexuais, reprodutivos, emocionais, mentais e de bem-estar a indivíduos e famílias. Estudos têm dado maior ênfase à violência conjugal adulta, embora a violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência seja considerada um sério problema que necessita investigação e intervenção (Ayala et al., 2014; Razera, Cenci, & Falcke, 2014). Por ainda estar em processo de desenvolvimento, a exposição à violência na adolescência pode deixar marcas futuras existindo uma tendência de repetições de padrões, a violência no namoro é então um fator de risco para futuras relações amorosas violentas na idade adulta (Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Oliveira et al., 2014).

Existem diversos termos internacionais para se referir à violência no namoro (*teen dating violence*, *adolescent relationship abuse* ou *adolescent dating violence*), mas todas eles descrevem uma violência entre dois adolescentes que estejam em um

relacionamento íntimo, podendo essa violência ser física, e/ou psicológica, e/ou sexual. O abuso pode ocorrer diretamente, ou online pela internet, ou por uma terceira pessoa enviada pelo agressor (Calvete, Fernández-González, Orue, & Little, 2016; Miller, 2017). Alguns tipos de violência comum entre adolescentes são ações de controle sobre o parceiro, tais como monitorar o seu telefone celular, dizer quais roupas o parceiro pode ou não vestir, controlar onde e com quem eles(as) saem. Portanto, a violência no namoro ocorre em diferentes formas e contextos necessitando de um olhar atento para suas variabilidades.

O *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC, *Division of Violence Prevention*, EUA, 2014) define a violência entre namorados (*dating violence*) como um tipo de violência perpetrada por um companheiro íntimo, uma vez que ela ocorre entre duas pessoas em um relacionamento próximo. Pode envolver situações de violência física, sexual ou psicológica, bem como formas de assédio denominadas de *stalking*. O contexto da violência entre namorados pode ser ainda caracterizado pelo contexto interpessoal da vítima ou eletrônico, como mensagens de celular e via internet.

No Brasil, só recentemente pesquisas vêm investigando a problemática das relações afetivo-sexuais violentas na fase de namoro e entre jovens (Aldrighi, 2004; Nascimento & Cordeiro, 2011; Marasca & Falcke, 2015; Minayo, Assis, & Njaine, 2011). Contudo, Oliveira, et al. (2014) argumentam que, na literatura internacional, tal tema vem sendo foco de investigações desde o início dos anos 80. Em um estudo de 10 capitais brasileiras, foi observada a presença de violência em diferentes contextos de adolescentes entre 15 a 19 anos (n= 3.205). A violência entre irmãos obteve a maior frequência com 75,6%, seguida por violência entre amigos 46,3% e a violência em relacionamentos afetivo-sexuais anteriores obteve um percentual de 29,8%. Também foi mencionada pelos entrevistados a existência de violência psicológica entre os pais por

25% dos adolescentes. (Oliveira et al., 2014). Já em uma pesquisa realizada em Recife/PE, a maioria dos adolescentes (n=408, entre 15 e 19 anos) afirmou ter perpetrado e sofrido violência física e/ou psicológica no namoro – 83,9% da amostra. A prevalência de adolescentes que relataram não ter vivenciado violência no relacionamento foi de somente 10,8%, não sendo encontrada diferença significativa entre os sexos (Barreira, de Lima, Bigras, Njaine, & Assis, 2014).

Estudos atuais têm indicado que a violência no namoro na adolescência é um fenômeno multicausal e que há diversos fatores associados a sua ocorrência, incluindo a exposição à violência no contexto intrafamiliar, seja por testemunhar a violência conjugal dos pais ou por ter sido exposto a maus-tratos na infância (Calvete, et al., 2016; Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Reyes, et al., 2015). Assim como a influência do grupo de pares (Ellis, Chung-Hall, & Dumas, 2013; Foshee et al., 2013; Santos & Murta, 2016) e variáveis individuais, como por exemplo, ser do sexo feminino e fazer uso de álcool (Baker, 2016; Choi, Weston, & Temple, 2017; Ouytsel, et al., 2017; Gómez, 2011; Sabina, Cuevas, & Cotignola-Pickens, 2015;).

Variáveis familiares têm sido amplamente investigadas na literatura internacional e vêm sendo relacionadas a fatores de risco de violência no namoro (Caridade, 2011). Diversas linhas teóricas tentaram explicar os mecanismos através dos quais ocorre a transmissão de violência nos relacionamentos pelas gerações. A Teoria da Aprendizagem Social (Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008) entende a violência como uma série de atos aprendidos por observação e imitação, de modo que jovens que crescem em famílias violentas e observam repetidamente modelos como os pais agindo de forma agressiva normalizam essas experiências e podem ser mais propensos a recorrer à violência nas relações como parte de seu repertório comportamental

disponível (Calvete, et al., 2016; Pimentel, de Moura, & Cavalcanti, 2017; Smith et al., 2011).

Nesse sentido, o fenômeno da multi ou intergeracionalidade da violência vêm sendo investigada, sendo que a “multigeracionalidade é o fenômeno pelo qual crianças expostas à violência doméstica, de modo repetitivo e intencional, tornam-se adultos que submeterão crianças às mesmas experiências pelas quais passaram” (Caminha, 2000, pp.45). Estudos internacionais (Calvete, et al., 2016; Cascardi, 2016; Izaguirre, & Calvete, 2017; Reyes et al., 2015) têm citado o termo intergeracionalidade para se referir a experiência de testemunhar ou sofrer violência intrafamiliar na infância e no futuro repetir esses padrões agressivos na idade adulta. Trata-se de aprendizados sociais que ocorrem a partir da observação de comportamentos de pessoas de referência. Esses comportamentos são transmitidos ao longo de gerações através da aprendizagem indireta de observação, por isso é chamado de intergeracionalidade.

Pesquisas internacionais e longitudinais com adolescentes e jovens universitários têm investigado a relação entre testemunhar violência conjugal dos pais durante a infância e ser perpetrador ou vítima de violência no namoro na adolescência ou idade adulta (Calvete, et al., 2016; Cascardi, 2016; Izaguirre, & Calvete, 2017; Reyes et al., 2015; Smith, et al., 2011). Tais estudos apresentaram resultados significativos de que ter testemunhado violência conjugal dos pais gera uma maior pré-disponibilidade para violência no namoro, porém com tamanhos de efeitos pequenos. Da mesma forma, estudos internacionais longitudinais (Cascardi, 2016; Izaguirre, & Calvete, 2017; Jennings, et al., 2014; Kim et al., 2014; Reyes et al., 2015) indicam que sofrer violência na infância, por parte de algum genitor, aumenta o risco para ser perpetrador ou vítima de violência no namoro durante a adolescência. Estudo com jovens adultos americanos indicou que 18% das vítimas de violência do parceiro íntimo tinham sido vítimas de

algum tipo de abuso quando eram crianças (Gómez, 2011). Reyes et al. (2015) indicaram que sofrer maus-tratos na infância foi considerado mais relevante para violência no namoro do que testemunhar violência conjugal dos pais.

Outro contexto de desenvolvimento de risco para a ocorrência da violência no namoro é a influência do grupo de pares na adolescência (Ellis et al., 2013; Foshee et al., 2013). Em um estudo longitudinal com 3.412 adolescentes norte-americanos, de ambos os sexos, de escolas públicas (Foshee et al., 2013), foi observada a influência do grupo de pares para a ocorrência da violência no namoro. Os resultados desse estudo indicaram que ter amigos que perpetraram violência em seus relacionamentos íntimos, ser do sexo feminino e ser uma adolescente “popular” em seu meio social aumentam o risco para a violência no namoro; por outro lado, possuir amizades genuínas e ser adolescente do sexo feminino com amigos com crenças pró-sociais foram variáveis que diminuem o risco de perpetrar violência no namoro. Em um estudo com 589 adolescentes canadenses (Ellis et al., 2013), ter amigos num grupo de pares com comportamento agressivo foi considerado um fator de risco para vitimização e perpetração de violência no namoro na adolescência.

Além disso, variáveis individuais também foram citadas em estudos anteriores como fatores de risco para ser vítima de violência no namoro, incluindo ser do sexo feminino (Choi, et al., 2017; Coker et al., 2014; Gómez, 2011; Romito, Beltramini, & Escribà-Agüir, 2013). Meninas foram tanto mais vítimas quanto perpetradoras de violência no namoro em uma amostra de 14.190 estudantes do ensino médio nos EUA (Coker et al., 2014). Outro estudo americano com jovens adultos (Gómez, 2011) indicou que ser do sexo feminino aumenta 1,40 vezes a chance de ser vítima de violência na intimidade. Em estudo americano (Choi et al., 2017), com 1042 adolescentes de escolas públicas do Texas, foi encontrado que ser do sexo feminino, ser

afro-americano, aceitar de forma mais legítima a violência nas relações afetiva-sexuais e ter pais com menor nível de escolaridade foram preditores de violência no namoro. Estudo de meta-análise, com 101 estudos sobre violência no namoro na adolescência, indicou diferenças de gênero nos tipos de vitimização. Embora não haja diferença na vitimização geral, por sexo, houve diferença no tipo de violência sofrida, sendo que meninas principalmente são mais vítimas de violência sexual do que meninos (14% versus 8%, respectivamente) (Wincentak, Connolly, & Card, 2017). Na mesma direção, Romito et al. (2013) indicaram que 43,7% de adolescentes italianos do sexo feminino e 34,8% do sexo masculino reportaram ter sofrido algum tipo de violência no namoro, sendo que meninas significativamente relataram mais violência psicológica e sexual do que os meninos. Não foi encontrada diferença de gênero para a vitimização em uma amostra com 938 adolescentes entre 11 e 16 anos, embora as meninas tenham apresentado maior perpetração de violência psicológica e física (Goncy, Sullivan, Farrell, Mehari, & Garthe, 2017). Em outro estudo americano com 100 adolescentes de cada sexo, com idade entre 14 e 16 anos, foi encontrado que meninos tinham duas vezes mais chances de ser vítimas no namoro do que meninas (Novak & Furman, 2016).

Outro fator associado tanto à vitimização quanto à perpetração do abuso íntimo é o uso de álcool e outras drogas (Baker, 2016; Facundo, Almanza, Rodríguez, Robles, & Hernández, 2009; Novak & Furman, 2016; Ouytsel et al., 2017; Sabina, et al., 2015). Um estudo com adolescentes americanos investigou que o uso de álcool foi associado com ser perpetrador de violência no namoro (Novak & Furman, 2016). Em um estudo americano, com grupos focais de adolescentes do ensino médio, foi observada a influência do uso de substâncias na ocorrência da violência em relacionamentos amorosos. A violência entre os casais normalmente ocorria quando ambos estavam sob a influência de alguma droga, ou quando um dos parceiros fazia uso de alguma

substância (Baker, 2016). Já em um estudo mexicano, com jovens entre 18 e 29 anos, foi possível observar uma relação significativa entre o consumo de álcool e violência psicológica no namoro (Facundo et al., 2009), indicando que quanto maior o consumo maior a violência exercida por homens contra suas namoradas. No estudo Ouytsel et al. (2017), com jovens americanos, foi investigada a relação entre o uso de substâncias, comportamentos sexuais, *bullying*, comportamentos desviantes, saúde e violência online no namoro. Os resultados indicaram que jovens que usavam algum tipo de substância tinham maior probabilidade de perpetrar algum tipo de abuso *on line* no relacionamento amoroso.

A partir dessas considerações iniciais, este estudo investigou a influência do contexto familiar, isto é, ser testemunha de violência conjugal dos pais e ter sido vítima de maus tratos na infância (abuso físico e psicológico) para a ocorrência de perpetração de violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência. Além disso, foi verificada a influência do grupo de pares e variáveis individuais (ser do sexo feminino e fazer uso de álcool). Assim, o foco deste estudo é compreender os fatores de riscos associados à perpetração de violência nas relações amorosas caracterizadas como “ficar” e namorar na adolescência.

## **2. Método**

### **2.1. Participantes**

Participaram deste estudo 533 adolescentes, na faixa etária entre 14 e 19 anos ( $M= 16,63$ ;  $DP=1,19$ ), sendo 59,8% do sexo feminino, estudantes do Ensino Médio (a maioria do segundo ano 41,7%), de escolas públicas (64,5%), privadas (18,2%) e profissionalizante (17,3%), de Porto Alegre (52,7%) e de Novo Hamburgo (47,3%). A

maioria dos adolescentes era oriunda de famílias nucleares (54,2%), seguido de famílias monoparentais (26,5%).

Os critérios de inclusão foram: 1) ter entre 14 e 19 anos; e 2) ter algum tipo de relacionamento amoroso no momento atual ou passado. Foram incluídos na amostra apenas os adolescentes que já vivenciaram algum tipo de relacionamento afetivo-sexual ao longo da vida (breves ou fixos) e/ou que estavam tendo algum relacionamento no momento atual de vida (“ficar” e “namorar”), excluindo os casos de adolescentes que se declararam casados ou morando com o parceiro. No momento de coleta de dados, 63% dos participantes tinham algum tipo de relação afetivo-sexual, sendo que 31,4% estavam “ficando com alguém” e 66,6% estavam namorando. O tempo de duração do relacionamento variou entre duas semanas e oito anos ( $M=11,92$  meses,  $DP=12,90$  meses). A idade do parceiro atual variou entre 13 e 30 anos ( $M=17,81$ ,  $DP=2,54$ ). Entre as mulheres, 91,9% referiram ter relacionamentos heterossexuais e 8,1% homossexuais; e entre os homens, 94,8% afirmaram ter relacionamentos heterossexuais e 5,2% homossexuais.

## 2.2 Instrumentos

- *Dados sociodemográficos e relações afetivo-sexuais na adolescência.* O questionário foi elaborado pelas autoras para avaliar características individuais (idade, sexo, escolaridade, uso de álcool e outras drogas), familiares (com quem morava, presença de violência conjugal entre os pais, uso de drogas por familiares) e sobre os relacionamentos afetivo-sexuais atuais ou passados (tipo de envolvimento, duração, dados sobre o parceiro íntimo). Duas questões sobre a influência do grupo de pares foram incluídas: ‘*Eu tenho amigos(as) que agridem verbalmente o(a) namorado(a)*’ e

“*Eu tenho amigos(as) que agredem fisicamente o(a) namorado(a)*”. Foi ainda investigado uso de álcool e sua frequência.

- *Maus-tratos na infância*. Foi utilizada a Escala de Exposição à Violência Intrafamiliar na Infância (EEVII), elaborado pelas autoras com o objetivo de avaliar de forma retrospectiva a exposição à violência intrafamiliar sofrida pelo adolescente ao longo da sua infância. É formada por 19 itens, com escala Likert (“0=nunca” e “3=sempre”), que avaliam abuso psicológico (8 itens), negligência (4 itens), abuso físico (4 itens) e abuso sexual (3 itens) perpetrados pelos pais e/ou cuidadores. O escore total pode variar entre zero e 57 pontos. Posteriormente, os dados foram codificados em “0” para nenhum tipo de maus-tratos sofridos na infância e em “1” para sua ocorrência para qualquer tipo de exposição. Ainda foi realizada análise de frequência de duas categorias de maus-tratos (físicos e psicológicos), codificados como “0=nunca” e “1= acima de 1”. Análise de consistência interna da escala geral foi de 0.84, sendo que entre as subescalas esta variou de 0.50 (negligência) a 0.78 (abuso sexual).

- *Violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência*. Foi utilizado o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro na Adolescência (CADRI, Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, & Wekerle, 2001; adaptada para o Brasil por Minayo et al., 2011), que avalia a presença de comportamentos abusivos em relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência, tanto em situações em que a pessoa é vítima como quando é autor da violência. Foi solicitado que apenas os participantes que já haviam vivenciado algum tipo de relacionamento amoroso no momento atual de vida ou no passado respondessem a CADRI, se referindo à última pessoa com quem se relacionou. O instrumento é respondido em uma escala Likert (0=nunca; 1 ou 2 vezes=raramente; 3 a 5 vezes= às vezes; e mais de 6 vezes=sempre) que investiga cinco tipos de violência. As categorias de violência no namoro na adolescência são: Violência Física (ex: Eu bati, chutei ou dei

um soco nele(a); Eu joguei algo nele(a)), Violência Verbal/emocional (ex: Eu fiz algo para provocar ciúmes nele(a); Eu falei com ele(a) num tom de voz hostil ou maldoso), Violência Psicológica Ameaças (ex: Eu ameacei machucar ele(a); Eu tentei amedrontar ele(a) de propósito), Violência Relacional (ex: Eu tentei virar os amigos contra ele(a); Eu espalhei boatos sobre ele(a)), e Violência Sexual (ex: Eu o toquei sexualmente quando ele(a) não queria; Eu forcei ele(a) a fazer sexo quando ele(a) não queria). No estudo da versão adaptada para o Brasil (Minayo, et al., 2011) o Alpha para a violência sofrida foi de 0,87 e para a violência perpetrada foi de 0,88. Nas subescalas, os índices de consistência interna variaram entre 0.50 (violência sexual perpetrada) e 0.84 (violência verbal emocional perpetrada). Na pesquisa atual, os Alphas de Cronbach variaram entre 0.87 para violência perpetrada e 0.90 para violência sofrida. Posteriormente, foi mensurado um escore total para vitimização e outro para perpetração da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência, bem como foi feita uma codificação de “zero” para não ocorrência e “1” para ocorrência da violência.

### 2.3 Procedimentos e Considerações Éticas

Foi solicitado aos pais ou cuidadores legais dos adolescentes menores de 18 anos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como foi solicitada a assinatura do Termo de Assentimento dos próprios adolescentes. Os adolescentes maiores de 18 anos assinaram o próprio TCLE. Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Psicologia (UFRGS). Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Parecer 1.143.563 de 06 de julho de 2015).

A coleta de dados ocorreu de forma coletiva, em escolas públicas, privadas e em uma escola profissionalizante de Porto Alegre e Novo Hamburgo/RS, após contato

inicial com a direção das escolas. A seleção das escolas que fizeram parte da amostra foi por conveniência, após aprovação do projeto pela Secretaria Estadual de Educação.

#### 2.4. Análise dos Dados

Foram selecionados os casos caracterizados como perpetradores da violência no namoro, a partir da amostra selecionada por conveniência. A partir desta subamostra foram realizadas análises estatísticas descritivas e inferenciais.

Inicialmente foram realizadas análises descritivas dos participantes e das variáveis de interesse (média, desvio-padrão, frequência simples). Foi realizado um teste de Mann-Whitney para ver diferença entre os padrões de vitimização e perpetração da violência no namoro, por sexo.

Posteriormente, foi realizada uma análise multivariada independente (Regressão Logística) a fim de investigar preditores que aumentem a chance de o adolescente ser perpetrador (0-não; 1-sim) de violência no namoro. Para isso as variáveis utilizadas na análise foram dicotomizadas: testemunhar violência conjugal dos pais (0-não; 1-sim), ter sofrido maus tratos físicos (0-não; 1-sim) e psicológicos (0-não; 1-sim) na infância por parte dos pais e/ou cuidadores, ter amigos que agredem física (0-não; 1-sim) e psicologicamente (0-não; 1-sim) o(a) namorado(a), sexo (0- masculino; 1- feminino) e fazer uso de álcool (0-não; 1-sim).

### 3. Resultados

#### 3.1. Perfil dos adolescentes perpetradores e tipos de violência perpetrada

Do total da amostra ( $n=533$ ), foram incluídos neste estudo 403 adolescentes (93,0%), de ambos os sexos, caracterizados como perpetradores de algum tipo de

violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência. A Tabela 1 descreve o perfil dos adolescentes perpetradores.

**Tabela 1.** Perfil dos adolescentes perpetradores (n=403)

Variáveis	<i>f</i>	%
Sexo		
Feminino	247	61,3%
Masculino	156	38,7%
Ano Escolar		
Primeiro Ano	95	23,6%
Segundo Ano	159	39,5%
Terceiro Ano	139	34,5%
EJA (Educação para Jovens e Adultos)	10	2,5%
Cidade		
Porto Alegre	201	49,9%
Novo Hamburgo	202	50,1%
Está em um relacionamento amoroso atual do tipo:		
Ficar/pegar	87	30,0%
Namorar	196	67,6%
Faz uso de alguma droga lícita?		
Sim	244	60,5%
Não	159	39,5%
Faz uso de alguma droga lícita? Frequência		
Raramente	101	42,1%
Às vezes	114	47,5%
Quase sempre	25	10,4%

A Tabela 2 apresenta os tipos de violência perpetrada pelos adolescentes em suas relações amorosas, sendo que a psicológica verbal-emocional foi a mais frequente (92%), seguida da sexual (37,0%).

**Tabela 2.** Frequência dos tipos de violência perpetrada nos relacionamentos amorosos (n=403)

Tipos de Violência	<i>f</i>	%
Psicológica Verbal-Emocional	399	92%
Sexual	160	37%
Física	117	27%
Psicológica Ameaças	101	23%
Relacional	50	11,50%
Total	403	93%

Ainda no que se refere aos padrões de perpetração da violência nas relações afetivo sexuais, os resultados indicaram uma diferença significativa nos escores médios da CADRI entre os sexos, na maioria dos tipos de violência (ver Tabela 3). Foi observado que adolescentes do sexo feminino perpetraram mais violência do tipo psicológica verbal emocional e violência física, enquanto que adolescentes do sexo masculino perpetraram mais violência sexual.

**Tabela 3.** Perpetração de violência nas relações afetivo-sexuais, por sexo (n=403)

Tipo de violência perpetrada	Meninas	Meninos	<i>U</i>	<i>p</i>
	(n=247)	(n=156)		
	Média/DP	Média/DP		
Violência psicológica verbal emocional	<b>7,38(5,20)</b>	5,36(3,94)	14,68	<b>0,001</b>
Violência física	<b>1,03(2,06)</b>	0,38(0,91)	16,43	<b>0,002</b>
Violência sexual	0,61(1,07)	<b>0,92(1,12)</b>	16,02	<b>0,001</b>
Violência psicológica/ameaças	0,70(1,54)	0,40(0,97)	17,70	0,071
Violência psicológica relacional	0,24(0,75)	0,24(0,85)	19,18	0,897
Perpetração total	<b>10,75(9,00)</b>	8,05(6,45)	15,85	<b>0,003</b>

A respeito das variáveis relacionadas à violência no contexto familiar; as quais foram divididas em dois subtipos: testemunhar violência conjugal dos pais (subtipo 1) e sofrer maus-tratos ao longo da infância (subtipo 2), os resultados indicaram que mais da metade (57,1%) dos adolescentes relataram presenciar algum tipo de conflito interparental. Quanto às formas de perpetração de violência entre os genitores, a mais citada pelos filhos foi de “situações de conflitos verbais”. Já a respeito da exposição aos maus-tratos ao longo da infância, 95,3% dos adolescentes perpetradores reportaram ter sofrido algum tipo de violência por parte dos pais ou cuidadores. Cerca de 93,5% dos adolescentes perpetradores relataram ter sofrido abuso psicológico e 75,2% relataram ter sofrido abuso físico.

Houve diferença significativa na exposição à violência psicológica/abandono entre adolescentes perpetradores de violência ( $M=4,88$ ;  $DP=3,68$ ;  $U=20,00$ ;  $p=0,001$ ) e não perpetradores ( $M=3,62$ ;  $DP=3,52$ ), indicando que perpetradores tiveram maior exposição a esse tipo de violência ao longo da infância, em seu contexto familiar. Adolescentes perpetradores apresentaram ainda escore significativamente mais alto na EEVII total ( $M=7,92$ ;  $DP=6,32$ ;  $U=20,38$ ;  $p=0,001$ ), se comparado aos adolescentes não perpetradores ( $M=6,18$ ;  $DP=6,28$ ). Não houve diferença entre os grupos nos escores de violência sexual ou negligência.

Em relação à influência dos grupos de pares, 28,5% dos participantes relataram conhecer algum(a) amigo(a) que está vivenciando algum tipo de violência no namoro. Além disso, 14,1% relatou possuir amigos que agrediam fisicamente seu(u) namorado(a). Já no que se refere à agressão verbal entre namorados, 27,5% dos adolescentes relataram ter algum(a) amigo(a) que perpetra esse tipo de violência. E por fim, 48,6% dos adolescentes identificaram que seus amigos possuem ciúmes do namorado(a).

### 3.2. Análise Multivariada: Análise de Regressão Logística

Os resultados da Análise de Regressão Logística, para a perpetração da violência nas relações afetivo-sexuais, indicaram duas variáveis significativas: ter sido exposto à violência conjugal dos pais (que aumenta 3,78 vezes a possibilidade de ser perpetrador), e ter sofrido maus-tratos psicológicos na infância (que aumenta 4,51 vezes a possibilidade de ser perpetrador), conforme apresentado na Tabela 4. As demais variáveis não foram significativas no modelo.

**Tabela 4.** Regressão logística para perpetração da violência nas relações afetivo-sexuais ( $n=403$ )<sup>a</sup>

	B	SE	Wald	p	O.R. <sup>b</sup>
Violência conjugal dos pais	1,33	0,44	9,32	<b>0,002</b>	<b>3,78</b>
Sexo feminino	0,23	0,43	0,29	0,59	0,79
Ter sofrido maus-tratos físicos na infância	0,32	0,52	0,38	0,54	0,73
Ter sofrido maus-tratos psicológicos na infância	1,51	0,60	6,39	<b>0,011</b>	<b>4,51</b>
Ter amigos que agridem verbalmente o parceiro íntimo	0,50	0,64	0,60	0,44	1,65
Ter amigos que agridem fisicamente o parceiro íntimo	0,65	0,71	0,83	0,36	0,52
Fazer uso de álcool	0,52	0,43	0,74	0,39	1,60

Nota. <sup>a</sup>= Hosmer-Lemeshow goodness fit; Nagelkerke  $R^2=15,6$ ; <sup>b</sup>=Odds Ratio=Exp(B).

#### **4. Discussão**

O fenômeno da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência tem sido caracterizado como um sério problema de saúde pública e está associado a vários fatores desencadeadores, caracterizando a complexidade do tema e seu caráter multicausal. Frente a esta complexidade, diferentes estudos têm como foco de investigação apenas uma variável ou contexto de desenvolvimento, por exemplo, apenas a exposição à violência intrafamiliar (Izaguirre & Calvete, 2017; Karlsson, Temple, Weston, & Le, 2016; Kim et al., 2014; Reyes, et al., 2015), ou grupo de pares (Ellis et al., 2013; Foshee et al., 2013) ou uso de drogas (Baker, 2016; Facundo et al., 2009). Poucos estudos têm dado ênfase em mais de uma variável preditora de violência no namoro (Maraska & Falke, 2015; Oliveira et al., 2014).

Em vista disso, este estudo teve como objetivo ampliar a compreensão de fatores de risco associados à perpetração de violência nas relações amorosas, considerando dois importantes contextos de desenvolvimento para o adolescente: família e grupo de pares. Além disso, foram consideradas características individuais como sexo e uso de álcool como variáveis predictoras. Portanto, esta pesquisa amplia e contribui para a área uma vez que possui um caráter inovador de investigar, em um único estudo, a influência dos principais contextos de desenvolvimento do adolescente.

No que se referem aos padrões de perpetração da violência, os resultados indicaram que 93% da amostra total de adolescentes já perpetraram algum tipo de violência no namoro, seja ele físico, psicológico-verbal, psicológico-ameaça, relacional e/ou sexual. Comparando os resultados de perpetração de violência no namoro com estudos anteriores no Brasil que também usaram a CADRI, pode-se observar que os dados encontrados neste estudo foram maiores do que aqueles com adolescentes do

Recife/PE (83,4%, Barreira et al., 2014) e a média de dez capitais brasileiras (86,8%, Oliveira, Assis, Njaine, de Oliveira, 2011).

Dentre os tipos de perpetração, a mais frequente foi a perpetração psicológica verbal-emocional (92%), semelhante a estudos anteriores que utilizaram a CADRI (Barreira et al., 2014; Fernández-Fuertes & Fuertes, 2010; Marasca & Falke, 2015). Marasca e Falke (2015) definem a violência verbal-emocional como uma violência que inclui atos como provocar ciúmes no parceiro, dizendo coisas para irritar o mesmo, falar usando uma voz com tom hostil, ridiculizando o companheiro na frente dos outros e insultando-o.

Apesar do grande percentual de prevalência desse tipo de violência, muitos estudos têm ainda investigado somente a violência física e/ou sexual (Aldrighi, 2004; Cacardi, 2016; Jennings et al., 2014; Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2016). Estudos recentes (Choi, et al., 2017) discutem que a violência verbal-emocional pode ser uma porta de entrada ou um fator de risco para outros tipos de violência. Já Reyes, Foshee, Chen e Ennett (2017) apontam que a violência psicológica pode ser a mais comum entre adolescentes devido à maior permissividade desse tipo de violência em nossa sociedade quando comparado a outros tipos, como a física e sexual. Oliveira, et al. (2011) discutem este tipo de violência como aspectos de nossa cultura que são aceitos em nossa sociedade e são reproduzidos sem que os pares dessas relações percebam a sua existência. Essa violência, frequentemente é reproduzida como uma forma de comunicação entre os adolescentes o que causa uma legitimidade da violência.

Os resultados também indicaram diferenças por sexo em relação ao tipo de violência perpetrada no namoro, sendo que meninas obtiveram resultados de maior perpetração psicológica e física no namoro, enquanto meninos apresentaram índices mais altos de violência sexual. Tais resultados são consistentes com pesquisas nacionais

e internacionais (Izaguirre, & Calvete, 2017; Oliveira et al., 2014) que descrevem o sexo feminino como maior perpetrador de violência psicológica e o sexo masculino como maior perpetrador de violência sexual. Por outro lado, um estudo com jovens latinos (Reyes et al., 2017) encontrou resultados semelhantes indicando que meninas eram maiores perpetradoras de violência física e meninos maiores perpetradores de violência sexual, embora não tenha sido observada diferença por sexo na violência psicológica.

Essa diferença de gênero é discutida por Oliveira, et al., (2011), em que indicam a violência perpetrada em meninas comumente relacionada a ciúmes ou controle, contudo, não há consenso entre os adolescentes quanto ao motivo de meninas utilizarem mais agressão verbal. Para alguns o motivo estaria relacionado a uma impulsividade feminina e para outros seria uma questão de querer humilhar o parceiro propositalmente. Marasca e Falcke (2015) discutem que muitos atos de violência femininos não são vistos como tal por ser percebidos como menos violentos e até banalizados. Em relação a maior perpetração de violência sexual por meninos, Oliveira, et al., (2011) ressaltam que ainda existe uma pressão social e um papel esperado do homem para que sejam fortes e machistas nas relações amorosas. Meninos se sentem pressionados a ter uma relação sexual mesmo quando não estão com vontade.

Estudos anteriores (Calvete, et al., 2016; Cascardi, 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Reyes et al., 2015) têm apontado que testemunhar e sofrer violência no âmbito familiar é um fator de risco para violência no namoro em adolescentes. O presente estudo indicou que perpetradores de violência possuem escores mais altos em maus tratos na infância do que adolescentes que não perpetram violência em seus relacionamentos afetivos-sexuais. Esses escores também vão ao encontro dos resultados encontrados na regressão logística realizada, em que as variáveis “testemunhar violência

conjugal dos pais” e “ter sofrido maus-tratos psicológicos na infância” foram significativamente associadas à perpetração de violência no namoro. As demais variáveis analisadas (ser do sexo feminino, ter sofrido maus-tratos físicos na infância, ter amigos que agredem verbalmente e fisicamente o parceiro, e fazer uso de álcool) não foram significativas no modelo.

Nesse sentido, os resultados desse estudo reforçam a influência do contexto da família como uma importante variável preditora de violência nas relações afetivo-sexuais em adolescentes. Ou seja, adolescentes comumente se tornam reprodutores dos comportamentos aprendidos no contexto familiar e levam tais aprendizagens para os espaços extrafamiliares, dentre as quais as relações de intimidade (Oliveira & Sani, 2009). Estes resultados reforçam a Teoria de Aprendizagem Social (Bandura et al., 2008) de que a violência pode ser aprendida por meio da observação e imitação. A família é vista como o contexto primordial de uma criança para o desenvolvimento do seu repertório comportamental. Portanto, a intergeracionalidade é considerada uma importante variável preditora de violência no namoro, indicando que sofrer ou testemunhar violência familiar nos primeiros anos de vida provavelmente prediz a repetição desses padrões de violência em período posterior do desenvolvimento.

O estudo de Marasca e Falcke (2015) apresentou resultados divergentes deste estudo, pois os índices de violência familiar investigados não foram significativamente relacionados com a violência no namoro, enquanto a influência dos pares foi significativa. Acredita-se que essa diferença ocorra devido a uma questão metodológica. A amostra de Marasca e Falcke (2015) foi composta por adolescentes em situação de maior vulnerabilidade, pois são adolescentes atendidos na rede de serviços especializados da assistência social de Porto Alegre/RS. Acredita-se que a influência do grupo de pares foi maior, pois estes podem ter laços familiares mais frágeis, e buscam

no grupo de pares o apoio para enfrentar as situações adversas vivenciadas ao longo da adolescência, bem como se espelham no comportamento dos amigos para estabelecer suas relações interpessoais. Já em nosso estudo, a amostra foi composta por adolescentes, que em sua maioria, residem com sua família nuclear. Ressalta-se ainda que o grupo de pares não deve ser visto apenas como um fator de risco à violência no namoro. Estudos sugerem que o grupo de pares pode ser um importante fator de proteção para adolescentes em situação de violência em seus relacionamentos, sendo sua principal rede de apoio (Santos & Murta, 2016; Soares, Lopes & Njaine, 2013).

Além disso, fazer uso de álcool não foi considerada uma variável significativa à ocorrência de violência no namoro. Embora os estudos internacionais venham apontando o papel dessa variável preditora (Baker, 2016; Facundo et al., 2009), em nosso estudo ela não se mostrou significativa. No estudo de Saldivia e Vizcarra (2012) não foi encontrado associação entre uso de drogas e ser perpetrador de violência, apenas em ser vítima. Sugerem-se novos estudos que contemplem outros tipos de uso de drogas e perpetração de violência no namoro, uma vez que este estudo apenas investigou o uso de álcool.

Por fim, o presente estudo indicou que as variáveis familiares são as que tem maior influência na perpetração de violência no namoro na adolescência. Concordando com estudos anteriores (Izaguirre & Calvete, 2017; Oliveira et al., 2014; Reyes et al., 2017; Smith et al., 2011) que tem mostrado a família como um meio de risco de transmissão de hábitos relacionais.

## 5. Conclusão

A perpetração da violência nas relações afetivo-sexuais por parte de adolescentes não se configura um tema recente na literatura internacional, a qual vem sendo estudada desde a década de 1980 (Oliveira, et al. 2014). Contudo, no contexto brasileiro, apenas recentemente houve uma maior visibilidade ao tema (Barreira et al., 2014; Marasca & Falcke, 2015; Oliveira et al., 2011), indicando uma alta taxa de perpetração e vitimização de violência no namoro. Dessa forma, esse fenômeno merece maior atenção por parte dos pesquisadores como também dos gestores em saúde pública, uma vez que a violência no namoro se constitui em um fator de risco para a violência conjugal adulta (Barreira, et al., 2013).

Apesar de a violência no namoro em adolescentes ser multivariada, os resultados desse estudo dão ênfase para a influência do contexto familiar como uma variável preditora importante para sua ocorrência, reforçando achados de estudos prévios (Calvete et al., 2016; Izaguirre & Calvete, 2017; Kim et al., 2014; Oliveira et al., 2014; Reyes et al., 2017; Smith et al., 2011). A violência no namoro pode ser compreendida como resultado de padrões intergeracionais de violência (Oliveira & Sani, 2009).

Nesse sentido, intervenções precoces e preventivas, junto a adolescentes em situação de violência intrafamiliar, se tornam relevantes. Além dos adolescentes, suas famílias devem ser incluídas nos programas, visto que o contexto familiar foi indicado como o maior fator de risco para a violência. Programas de prevenção específicos para a violência no namoro na adolescência, em escolas ou na rede de saúde, com linguagem próxima ao público adolescente também se fazem necessárias, a fim de ajudar os adolescentes a reconhecerem a presença de comportamentos abusivos em seus relacionamentos amorosos.

Este estudo apresenta algumas limitações. Primeiro, foi utilizada uma amostra por conveniência, devido às dificuldades no acesso aos adolescentes e devolução do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Segundo, foi adotada a utilização de instrumentos de autorrelato que podem levar os adolescentes a responderem conforme uma aceitação social desejável. Terceiro, a utilização do instrumento EEVII que está em processo de validação no momento (Borges, & Dell’Aglia, s.d.). Quarto, os resultados se referem à visão de apenas um dos adolescentes da díade amorosa. Assim, sugere-se novas pesquisas qualitativas, com díades de namorados, para uma melhor compreensão da dinâmica da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes, assim como o desenvolvimento e validação de instrumentos para a avaliação das variáveis investigadas. Apesar das limitações citadas, o estudo atual possui um caráter inovador, por ter analisado dois contextos de desenvolvimento do adolescente de forma simultânea (família e grupos de pares), além de características individuais. Ressalta-se ainda a necessidade de novos estudos com delineamento longitudinal, a fim de investigar melhor a questão da intergeracionalidade da violência e do ciclo de violência na conjugalidade na vida adulta.

Enfim, ressalta-se a necessidade de abordar a temática da violência nas relações afetivo-sexuais na adolescência a partir dos aspectos culturais e da violência de gênero (Lopez, Chesney-Lind, & Foley, 2012; Minayo et al. 2011). Embora não tenha sido o foco do presente estudo, a violência no namoro é igualmente caracterizada como uma violência de gênero, que atravessa todos os grupos socioeconômicos e é marcada por questões sexistas e machistas, em que as relações de poder e controle se fazem presentes. Portanto, um olhar sobre aspectos macroestruturais da violência deve ser considerado na ocorrência da violência intrafamiliar e em sua influência na violência no namoro em adolescentes.

## Referências

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1), 105-120.
- Ayala, M. L. C., Molleda, C. B., Rodríguez-Franco, L., Galaz, M. F., Ramiro- Sánchez, T., & Diaz, F. J. R. (2014). Unperceived dating violence among Mexican students. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 14(1), 39-47. doi: 10.1016/S1697-2600(14)70035-3
- Baker, C. K. (2016). Dating violence and substance use: Exploring the context of adolescent relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 31(5), 900–919. doi: 10.1177/0886260514556768
- Bandura, A., Azzi, R. G., & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva: Conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Barreira, A. K., de Lima, M. L. C., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(1), 233-243. doi: 10.1590/S1413-81232013000100024
- Barreira, A. K., de Lima, M. L. C., Bigras, M., Njaine, K., & Assis, S. G. (2014). Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(1), 217-228. doi: 10.1590/1415-790X201400010017
- Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Rivara, F. P., & Buettner, C. (2013). History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*, 13(821). doi: 10.1186/1471-2458-13-821.

- Calvete, E., Fernández-González, L., Orue, I., & Little, T. D. (2016, October 17). Exposure to family violence and dating violence perpetration in adolescents: Potential cognitive and emotional mechanisms. *Psychology of Violence*. Advance online publication. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000076>
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Portugal/Coimbra: Almedina
- Cascardi, M. (2016). From violence in the home to physical dating violence. *Journal Youth Adolescence*, *45*, 777–792. doi: 10.1007/s10964-016-0434-1
- Center for Disease Control and Prevention, Division of Violence Prevention (2014). *Understanding teen dating violence*. Retired of <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/teen-dating-violence-factsheet-a.pdf>
- Choi, H. J., Weston, R., & Temple, J. R. (2017). A three-step latent class analysis to identify how different patterns of teen dating violence and psychosocial factors influence mental health. *Journal Youth Adolescence*, *46*, 854–866. doi 10.1007/s10964-016-0570-7
- Coker, A. L., Clear, E. R., Garcia, L. S., Asaolu, I. O., Cook-Craig, P. G., Brancato, C. J., ..., Fisher, B. S. (2014). Dating violence victimization and perpetration rates among high school students. *Violence Against Women*, *20*(10), 1220-1238. doi:10.1177/1077801214551289
- Ellis, W. E., Chung-Hall, J., & Dumas, T. M. (2013). The role of peer group aggression in predicting adolescent dating violence and relationship quality. *Journal Youth Adolescent*, *42*, 487-499. doi:10.1007/s10964-012-9797-0
- Facundo, F. R. G., Almanza, S. E. E., Rodríguez, S. A. A., Robles, I. Y. E., & Hernández, T. H. (2009). Consumo de alcohol en jóvenes y su relacion con la

violencia psicologica en el noviazgo. *SMAD Revista Eletrônica de Saúde Mental Álcool e Drogas*, 5(2), 1-14.

Fernández-Fuertes, A. A., & Fuertes, A. (2010). Physical and psychological aggression in dating relationships os Spanish adolescents: motives and consequences. *Child Abuse Neglect*, 34(3), 183-91. doi: 10.1016/j.chiabu.2010.01.002

Foshee, V. A., Benefield, T. S., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Faris, R., Chang, L., ..., Suchindran, C. M. (2013). The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. *Journal Youth Adolescent*, 42, 471-486. doi:10.1007/s10964-013-9915-7.

Gómez, A. M. (2011). Testing the cycle of violence hypothesis: Child abuse and adolescent dating violence as predictors of intimate partner violence in young adulthood. *Youth & Society*, 43(1), 171-192. doi: 10.1177/0044118X09358313

Goncy, E. A., Sullivan, T. N., Farrell, A. D., Mehari, K. R., & Garthe, R. C. (2017). Identification of patterns of dating aggression and victimization among urban early adolescents and their relations to mental health symptoms. *Psychology of Violence*, 7(1), 58 – 68. doi: 10.1037/vio0000039

Izagirre, A., & Calvete, E. (2017). Exposure to Family violence as a predictor of dating violence and child-to-parent aggression in Spanish adolescents. *Youth & Society*, 49(3), 393–412. doi: 10.1177/0044118X16632138

Jennings, W. G., Park, M., Richards, T. N., Tomsich, E., Gover, A., & Powers, R. A. (2014). Exploring the relationship between child physical abuse and adult dating violence using a causal inference approach in na emerging adult population in South Korea. *Child Abuse & Neglect*, 38, 1902–1913. doi: 10.1016/j.chiabu.2014.08.014

- Karlsson, M. E., Temple, J. R., Weston, R., & Le, V. D. (2016). Witnessing interparental violence and acceptance of dating violence as predictors for teen dating violence victimization. *Violence Against Women, 22*(5), 625–646. doi: 10.1177/1077801215605920
- Kim, J. Y., Kim, H. J., Choi, J. W., & Emery, C. (2014). Family violence and dating violence in Korea. *Journal of Family Violence, 29*, 23–33. doi: 10.1007/s10896-013-9556-3
- Lopez, V., Chesney-Lind, M., & Foley, J. (2012). Relationship power, control, and dating violence among Latina girls. *Violence Against Women, 18*(6), :681-90. doi: 10.1177/1077801212454112.
- Love, S. R., & Richards, T. N. (2013). An exploratory investigation of adolescent intimate partner violence among African American youth: A gendered analysis. *Journal of Interpersonal Violence, 28*(17), 3342-3366. doi: 10.1177/0886260513496898
- Marasca, A. R., & Falcke, D. (2015). Forms of violence in the affective-sexual relationships of adolescents. *Interpersona, 9*(2), 200–214. doi:10.5964/ijpr.v9i2.176
- Miller, E. (2017). Prevention of and interventions for dating and sexual violence in adolescence. *Pediatric Clinics of North America, 64*, 423–434. doi: 10.1016/j.pcl.2016.11.010
- Minayo, M. C. S., Assis, S. G., & Njaine, K. (2011). É possível construir relações amorosas sem violência? In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Org.) *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros* (pp. 207-212). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525. doi: 10.1590/S0102-71822011000300009
- Novak, J., & Furman, W. (2016). Partner violence during adolescence and young adulthood: Individual and relationship level risk factors. *Journal Youth Adolescent*, 45(9), 1849-1861. doi: 10.1007/s10964-016-0484-4
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Oliveira, R. V. C. (2011). Violência nas relações afetivos-sexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Org.) *Um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros*. (Cap. 4, pp. 87-140). Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência e Saúde Coletiva*, 19(3), 702-718. doi: 10.1590/1413-81232014193.19052013
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: Um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-12. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32323>
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 162-170. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Ouytsel, J. V., Torres, E., Choi, H. J., Ponnet, K., Walrave, M., & Temple, J. R. (2017). The associations between substance use, sexual behaviors, bullying, deviant behaviors, health, and cyber dating abuse perpetration. *The Journal of School Nursing*, 33(2) 116-122. doi: 10.1177/1059840516683229

- Pimentel, C. E., de Moura, G. B., & Cavalcanti, J. G. (2017). Acceptance of Dating Violence Scale: Checking its psychometric properties. *Psico-USF*, 22(1), 147-159. doi: 10.1590/1413-82712017220113
- Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: Um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 47-51. doi: 10.18256/2175-5027/psico-imed.v6n1p47-51
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Chen, M. S., & Ennett, S. T. (2017). Patterns of dating violence victimization and perpetration among latino youth. *Journal Youth Adolescent*, 46, 1727–1742. doi 10.1007/s10964-016-0621-0
- Reyes, H. L. M., Foshee, V. A., Fortson, B. L., Valle, L. A., Breiding, M. J., & Merrick, M. T. (2015). Longitudinal mediators of relations between family violence and adolescent dating aggression perpetration. *Journal of Marriage and Family*, 77, 1016–1030. doi:10.1111/jomf.12200
- Romito, P., Beltramini, L., & Escribà-Agüir, V. (2013). Intimate partner violence and mental health among italian adolescents: Gender similarities and differences. *Violence Against Women*, 19(1), 89–106. doi: 10.1177/1077801212475339
- Sabina, C., Cuevas, C. A., & Cotignola-Pickens, H. M. (2016). Longitudinal dating violence victimization among latino teens: Rates, risk factors, and cultural influences. *Journal of Adolescence*, 47, 5-15. doi: 10.1016/j.adolescence.2015.11.003
- Saldivia, C., & Vizcarra, B. (2012). Consumo de drogas y violencia en el noviazgo en estudiantes universitarios del Sur de Chile. *Terapia Psicológica*, 30(2), 43-49. doi:10.4067/S0718-48082012000200004
- Santos, K. B., & Murta, S. G. (2016). Influência dos pares e educação por pares na prevenção à violência no namoro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(4), 787-800. doi: 10.1590/1982-3703000272014

- Smith, C. A., Ireland, T. O., Park, A., Elwyn, L., & Thornberry, T. P. (2011). Intergenerational continuities and discontinuities in intimate partner violence: A two-generational prospective study. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(18), 3720–3752. doi: 10.1177/0886260511403751
- Soares, J. S. F., Lopes, M. J. M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública, 29*(6), 1121-1130. doi: 10.1590/S0102-311X2013001000009
- Wincentak, K., Connolly, J., Card, N. (2017). Teen dating violence: a meta-analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence, 7*(2), 224 –241. doi: 10.1037/a0040194
- World Health Organization. (2010). *Preventing IPV against woman. Taking action and generating evidence*. Geneva, Suíça: World Health Organization Retrieved from: [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/publications/violence/9789241564007\\_eng.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/publications/violence/9789241564007_eng.pdf)